

Nova República começa a jogar

Brasília — O saldo total de todas as operações brasileiras com o setor externo, no final de 1984, atingiu Cr\$ 92 trilhões 500 bilhões (cerca de 20 bilhões de dólares). Esse número é o fio que une, há algumas semanas, as ações de técnicos do Governo vinculados ao setor externo, pois o Brasil prepara-se para rediscutir a questão do endividamento no exterior.

O discurso duro do diretor da área externa do Banco Central, Sérgio de Freitas, no mês passado, em Viena; o “gelo” aplicado à missão técnica do Fundo Monetário Internacional, que está no Brasil há uma semana; e a relativa tranquilidade com que os condutores da política econômica tratam do assunto “dívida externa”, são algumas peças da partida de xadrez que a Nova República começou a jogar. No fundo de tudo isto, estão as reservas internacionais, oferecendo uma cobertura equivalente a 12 bilhões de dólares.

Despesas com juros

Uma fonte credenciada do Banco Central revela os números que mostram o impacto desagregador das contas do setor

externo sobre as contas internas: no final de dezembro de 1984, as despesas com juros, comissões e outros gastos com empréstimos externos alcançaram a expressiva cifra de Cr\$ 31 trilhões 600 bilhões, sendo que Cr\$ 9 trilhões desse saldo referem-se a adiantamentos das autoridades monetárias para honrar compromissos externos de empresas estatais, avalizadas pela União.

Ontem, no final da tarde, o especialista em balanço de pagamentos da missão técnica do FMI, Robert Sheedy, demonstrou preocupação, no Banco Central, com os últimos resultados da balança comercial. Esse é um indicador que poderá reforçar uma tese que toma fôlego dentro da instituição, relativa à necessidade que o Brasil terá, este ano, de recorrer a novos empréstimos bancários externos para equilibrar o balanço de pagamentos.

Entre os altos escalões do Banco Central, já está circulando um documento intitulado “Impacto do setor externo sobre o déficit público”, que, embora rotulado como “Indicações para estudo”, sem expressar a opinião oficial do banco,

revela uma tese nova: é preciso rediscutir todo o processo de endividamento com o exterior.

Conforme mostra a pesquisa, existem estreitas relações entre a dívida externa pública e o déficit do Banco Central, o aumento da dívida pública interna e o crescimento da base monetária (emissão primária de moeda). A mesma fonte qualificada do Banco Central revelou que um dos aspectos mais destacados do documento é constatar que, efetivamente, são inquestionáveis os argumentos que mostram o efeito expansionista das contas do setor externo sobre a base monetária e a dívida interna federal.

Agora, com dinheiro em caixa — ao contrário de 1982 — o Brasil, segundo a fonte, prepara-se para jogar pesado. Conforme argumentou, o conjunto de medidas adotadas nos últimos dois anos, para privilegiar o setor externo, incluindo a última maxidesvalorização, serviu mais provocar um forte crescimento dos preços internos, uma das principais dores de cabeça herdadas pela Nova República.

MAURÍCIO CORRÊA